

USO DE MEDICAMENTOS SEM EFICÁCIA COMPROVADA PARA PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA COVID-19 POR PACIENTES DE UM LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Raiane Gaudêncio Gonçalves¹; Camila Vicente de Miranda²; Gabriela Rodrigues Sousa³; Eliane Silveira Lemes Mota⁴; Deborah Dias Oliveira⁵; Lunara Da Silva Freitas^{6*}

RESUMO

O mundo presenciou no final do ano de 2019 o início da calamidade ocasionada pela pandemia pelo vírus SARS-CoV-2. Diante de tantas mortes, consequência da falta de tratamento específico para a Covid-19, inúmeros cientistas deram início a estudos no intuito de encontrar medicamentos para reduzir as mortes ocasionadas pelo acometimento da doença. Perante o desespero e o medo da doença, inúmeras pessoas começaram a realizar a prática de automedicação e os profissionais da saúde, por estarem sob pressão, aderiram a famosa “empurroterapia” dos possíveis medicamentos que poderiam ser eficazes contra a doença. Visto que o uso de medicamento de maneira irracional é prejudicial a saúde, os estudos que apontam essa realidade na população se tornam de grande relevância, uma vez que poderão auxiliar na demonstração do quanto a difusão de informações de forma imprudente pode trazer complicações graves principalmente quando envolve a utilização de medicamentos sem o devido respaldo científico. Os estudos clínicos randomizados, duplo-cego e placebo controlados são os de melhor qualidade metodológica, apesar do alto custo. O presente estudo teve como objetivo investigar a proporção de pacientes que utilizaram medicamentos para tratar ou prevenir a Covid-19. Questionários foram aplicados durante a realização de algum tipo de exame para detecção da doença. Participaram do estudo 52 pacientes com idade média de 38 anos, sendo 73% do sexo masculino. A análise dos resultados mostrou que aproximadamente 62% das pessoas que procuraram o laboratório fizeram uso de algum medicamento. Outros estudos associados a medicamentos no tratamento da Covid-19 enfatizam as inúmeras consequências pelo uso de medicamentos sem relevância científica, devido seus efeitos tóxicos em doses incorretas e posologia inadequada. Ainda é necessário salientar o perigo que a associação de medicamentos pode acarretar ao paciente, como problemas renais, intoxicações, doenças hepáticas, dentre outras patologias.

Palavras-chave: Medicamentos; SARS-CoV-2; Covid-19; Tratamento; Automedicação.

ABSTRACT

At the end of 2019, the world witnessed the beginning of the calamity caused by the pandemic caused by the SARS-CoV-2 virus. Faced with so many deaths, a consequence of the lack of specific treatment for Covid-19, numerous scientists have started studies in order to find medicines to reduce deaths caused by the disease. Faced with despair and fear of the disease, countless people began to practice self-medication and health professionals, because they were under pressure, joined the famous “push therapy” of possible drugs that could be effective against the disease. Since the irrational use of medication is harmful to health, studies that point to this reality in the population become of great relevance, since they can help demonstrate how the reckless dissemination of information can bring serious complications, especially when involves the use of drugs without proper scientific support. Randomized, double-blind and placebo-controlled clinical studies are those with the best methodological quality, despite the high cost. The present study aimed to investigate the proportion of patients who used drugs to treat or prevent Covid-19. Questionnaires were applied during some type of examination to detect the disease. The study included 52 patients with a mean age of 38 years, 73% male. The analysis of the results showed that approximately 62% of the people who sought the laboratory used some medication. Other studies associated with drugs in the treatment of Covid-19 emphasize the numerous consequences of using drugs without scientific relevance, due to their toxic effects in incorrect doses and inadequate dosage. It is still necessary to emphasize the danger that the association of medicines can cause to the patient, such as kidney problems, intoxication, liver diseases, among other pathologies.

Keywords: Medicines; SARS-CoV-2; Covid-19; Treatment; self medication;

¹Acadêmica do curso de Farmácia da Faculdade Morgana Potrich (FAMP). Mineiros-GO, Brasil.

²Farmacêutica, Mestra em Química pela Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí – GO, Brasil. Docente da Faculdade Morgana Potrich (FAMP). Mineiros-GO, Brasil.

³Nutricionista, Especialista em Terapia Nutricional Hospitalar pelo Instituto Brasileiro de Nutrologia (IBRANUTRO), Brasília – DF, Brasil. Docente da Faculdade Morgana Potrich (FAMP). Mineiros-GO, Brasil.

⁴Bióloga, Especialista em Biologia Geral pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras – MG, Brasil. Docente da Faculdade Morgana Potrich (FAMP). Mineiros-GO, Brasil.

⁵Nutricionista, Mestra em Nutrição e Saúde pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – GO, Brasil. Docente da Faculdade Morgana Potrich (FAMP). Mineiros-GO, Brasil.

⁶Nutricionista, Doutora em Ciências pelo Instituto do Coração, Universidade de São Paulo (InCor/FMUSP), São Paulo – SP, Brasil. Docente da Faculdade Morgana Potrich (FAMP). Mineiros-GO, Brasil.

*Autor para Correspondência. E-mail: lunarafeitas@fampfaculdade.com.br



INTRODUÇÃO

O vírus SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome-CoronaVirus-2*), patógeno que desencadeou uma das maiores pandemias de tempos recentes, pertence à família *Coronaviridae*, (gênero *Betacoronavirus*, subgênero *Sarbecovirus*), composta por vírus de RNA de fita simples positiva e que apresenta diversos membros causadores de doenças respiratórias já bem descritos pela literatura. O SARS-CoV-2 provoca a doença que foi nomeada como Covid-19. Um dos primeiros sinais identificados nessa doença é a pneumonia, com período de incubação aproximadamente de 5 dias. A transmissão acontece principalmente de pessoa para pessoa através de gotículas salivares e aerossóis produzidos durante a fala, tosse, espirro ou até mesmo através do contato em superfícies contaminadas. A taxa de transmissão (R) gira em torno de 1 a 2, podendo chegar a 3 em alguns locais, sendo, portanto, reconhecida como transmissibilidade alta.¹

A prevalência de pessoas contaminadas, porém, assintomáticas, é variável entre 18% e 56%. Os sintomas mais comuns são tosse, dispneia e febre. Rinorreia, dor de garganta e diarreia são sintomas menos comuns. Em casos mais graves da doença, os pacientes apresentam quadro clínico de pneumonia grave, sobretudo em pessoas de 49 a 56 anos de idade e portadores de outras doenças, como hipertensão, diabetes, obesidade, doenças pulmonares e as que afetam o sistema imunológico.²

Todavia, atualmente não há um tratamento efetivo contra a Covid-19, por isso, uma das medidas essenciais para a prevenção dessa doença é a higienização das mãos, sendo de baixo custo e elevada efetividade. Outra ação muito importante para diminuir a transmissão da SARS-CoV-2 é o distanciamento social, evitando assim, picos de contaminação entre as pessoas. Há também o uso de máscaras tanto de tecidos que impedem a passagem de gotículas de saliva, quanto cirúrgicas e as conhecidas como N95 ou PFF2. Mediante o exposto, fica claro que apenas um tipo de medida não é o suficiente, é necessário todo esforço para obter maior segurança³

Segundo as Diretrizes para o tratamento farmacológico da Covid-19⁴, a falta de tratamento específico para combater o vírus SARS-CoV-2 dificulta o controle da propagação da doença. Atualmente o esquema medicamentoso é direcionado para alívio dos sintomas e suporte intensivo para casos em que haja um comprometimento grave da função respiratória. Por isso, há uma busca incessante por um princípio ativo curativo, sendo lançados diariamente estudos baseados em medicamentos já conhecidos ou novos princípios ativos, em busca de um fármaco de fato efetivo.

Segundo informações divulgadas pela Folha de São Paulo (2021), mesmo não havendo um medicamento específico para tratar ou prevenir a Covid-19, um estudo realizado em 146 municípios entre 11 e 12 de maio, com total de 2.071 pessoas, atesta que 23% desses entrevistados ingeriram medicamentos precocemente na tentativa de impedir ou se curar da infecção viral. Dessa porcentagem, apenas 6% estavam de fato infectados pelo vírus, 5% estava com suspeita de contaminação e 12% das pessoas fizeram uso de medicamentos de maneira preventiva. Os outros 77% não fizeram uso de nenhum medicamento.⁵

Diante do exposto e da escassez de estudos com a respeito à temática proposta por esta pesquisa, o objetivo foi investigar a proporção de pacientes que utilizaram medicamentos para tratar ou prevenir a Covid-19 num Laboratório de Análises Clínicas da cidade de Mineiros, GO.

METODOLOGIA

Este estudo apresentou delineamento observacional descritivo quantitativo. Foi realizado em um laboratório do Município de Mineiros-Goiás, a partir de informações fornecidas por pacientes que buscavam investigar a contaminação pelo SARS-CoV-2. Os pacientes foram abordados e convidados a participarem de forma aleatória, sendo incluídos todos que possuíam idade de 18 a 75 anos e que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Optou-se por não incluir no estudo pacientes que tivessem qualquer condição ou doença que comprometesse a cognição.

A investigação incluiu avaliação de dados sociodemográficos, presença de sintomas associados a Covid-19 ou de condições de risco para sintomas graves da doença (doenças respiratórias, cardíacas, estado de fragilidade imunológica, gestação de risco, dentre outros), tipo de teste diagnóstico a ser realizado, resultado do teste, realização de viagens recentes, contato com indivíduos com teste positivo.

Além disso, foi avaliado uso de qualquer medicamento com intenção de prevenção ou tratamento da Covid-19, posologia, se este foi indicado por algum profissional de saúde e histórico de vacina para Covid-19. A coleta de dados teve início no dia 01 de setembro de 2021 e foi concluído dia 18 de setembro de 2021, iniciando somente após avaliação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa e após consentimento livre e esclarecido do participante.

Os dados coletados foram organizados em planilhas utilizando o *software Microsoft Excel*[®] e posteriormente apresentados em formato de tabelas e gráficos. As variáveis foram apresentadas de forma descritiva, com n e % para variáveis categóricas ou média e desvio-padrão para as

contínuas. A análise dos dados foi realizada utilizando-se o software *IBM SPSS Statistics v.28.0*. Os participantes do estudo foram organizados em dois grupos, sendo eles “consumiu medicação” e “não consumiu medicação”. A comparação das médias entre os grupos em relação a variável “idade” foi realizada utilizando-se o teste t de *Student*. Para as demais, que são consideradas categóricas, utilizou-se os teste qui-quadrado de Pearson ou Exato de Fisher quando adequado. O nível de significância adotado foi de 95%, sendo considerados diferentes os dados quando $p \leq 0,05$.

RESULTADOS

No presente estudo foram avaliados 52 pacientes que buscaram realizar testes laboratoriais para identificar infecção por SARS-CoV-2. A amostra apresentou idade média de 38 anos ($\pm 13,6$ anos) e a maioria (73,1%) era do sexo masculino. Dentre esses, 61,5% ingeriram algum tipo de medicação para prevenção ou tratamento da Covid-19 (Tabela 1).

Cerca de 44% do total de entrevistados era caucasiano e aproximadamente 92% tinham ocupação remunerada. Não houve diferença entre os grupos do estudo em relação à essas variáveis. Além disso, os grupos tiveram de forma semelhante contato com pessoas infectadas recentemente e receberam pelo menos uma dose da vacina até o momento da entrevista.

Tabela 1: Dados sociodemográficos da amostra e informações sobre vacinação, testagem e sintomas prévios.

Variáveis	Total (n=52)	Consumiu medicamento (n=32)	Não consumiu medicamento (n=20)	P
Idade, anos (média+DP)	38,1+13,6	40,5+13,1	34,2+13,7	0,86
Sexo masculino, n (%)	38 (73,1)	23 (75,0)	15 (71,9)	0,53
Caucasianos, n (%) *	17 (44,7)	12 (44,4)	5 (45,5)	0,62
Ocupação remunerada, n (%) *	35 (92,1)	25 (96,2)	10 (83,3)	0,27
Procurou unidade de saúde nos últimos 16 dias, n (%)	12 (23,1)	7 (21,9)	5 (25,0)	0,80
Viajou nos últimos 16 dias, n (%)	15 (28,8)	5 (15,6)	10 (50,0)	0,01
Teve contato com pessoas infectadas, n (%)	6 (11,5)	3 (9,4)	3 (15,0)	0,66
Recebeu pelo menos 1 dose de vacina, n (%)	44 (84,6)	28 (87,5)	16 (80)	0,70
<i>Tipo de teste para SARS-CoV-2, n (%)</i>				
1 (Antígeno)	43 (82,6)	23 (71,9)	20 (100,0)	
2 (Anticorpos)	3 (5,8)	3 (9,4)	0 (0,0)	0,05
3 (RT-PCR)	6 (11,5)	6 (18,8)	0 (0,0)	
Testaram positivo para SARS-CoV-2, n (%)	7 (13,5)	5 (15,6)	2 (10,0)	0,69
Tiveram Covid-19 antes da entrevista, n (%)	19 (36,5)	17 (53,1)	2 (10,0)	0,003
<i>Sintomas da Covid-19, n (%)</i>				
Sem sintomas	30 (57,7)	13 (40,6)	17 (85,0)	0,002
Perda de olfato/paladar	7 (13,5)	6 (18,8)	1 (5,0)	0,23
Dispneia	1 (1,9)	1 (3,1)	0 (0,0)	1,0
Náusea	4 (7,7)	4 (12,5)	0 (0,0)	0,15
Diarreia	5 (9,6)	5 (15,6)	0 (0,0)	0,14
Dor de garganta	2 (3,8)	1 (3,1)	1 (5,0)	1,0
Cefaleia	15 (28,8)	13 (40,6)	2 (10,0)	0,02
Tontura	1 (1,9)	0 (0,0)	1 (5,0)	0,4
Tosse	6 (11,5)	6 (18,8)	0 (0,0)	0,07
Mialgia	7 (13,5)	6 (18,8)	1 (5,0)	0,23
Coriza	5 (9,6)	5 (15,6)	0 (0,0)	0,14
Cansaço	3 (5,8)	2 (6,3)	1 (5,0)	1,0
Febre	8 (15,4)	8 (25,0)	0 (0,0)	0,01

*38 participantes informaram a etnia e a ocupação atual. DP (Desvio Padrão). RT-PCR (reação de transcriptase reversa seguida de reação em cadeia da polimerase).

O teste laboratorial mais frequentemente realizado foi o de antígeno. Apenas 13,5% da amostra apresentou o teste positivo, sendo que não se observou diferença entre os grupos.

Comparando-se os grupos, percebe-se que entre aqueles que não ingeriram medicamento, a frequência de testes positivos para Covid-19 foi menor de forma significativa, além de apresentar maior percentual de indivíduos sem sintomas.

Nota-se que do total de indivíduos que ingeriram medicação (61,5%), menos da metade (43,8%) tinham a prescrição da dose orientada por profissional da saúde, sendo o médico o único prescritor mencionado pelos participantes.

Observou-se que os medicamentos mais consumidos pelos pacientes entrevistados foram: Ivermectina, seguida da Azitromicina e vitaminas (Tabela 2). Pelo fato de haver grande número de pacientes se automedicando, poucos sabiam da posologia mas, ainda assim, nota-se que entre os que souberam especificar a quantidade, a maioria excedeu a dosagem adequada prevista na bula.

Tabela 2: Frequência dos medicamentos utilizados na intenção de tratar ou prevenir a Covid-19.

Fármacos	N (%)	Consumiu dosagem adequada (%)
Ivermectina	21 (65,6)	14,3
Azitromicina	11 (34,4)	36,4
Vitaminas	11 (34,4)	90,9
Cloroquina/Hidroxicloroquina	2 (6,3)	50
Nitazoxanida	2 (6,3)	50
Prednisona	1 (3,1)	*
Dipirona	1 (3,1)	100
Paracetamol	1 (3,1)	*
Amoxicilina	1 (3,1)	*

*Um total de 05 Participantes não souberam ou não quiseram informar.

DISCUSSÃO

Até o presente momento, a temática deste estudo tem sido pouco explorada pela literatura científica, apesar do grande volume de publicações a respeito do uso inadequado de medicamentos na pandemia de Covid-19.

A frequência de participantes que tomaram medicamentos sem eficácia foi bastante relevante (61,5%) numa amostra de apenas 52 indivíduos. Obviamente, este tamanho de amostra não pode representar toda cidade de Mineiros, por exemplo, mas ainda assim trata-se de um dado preocupante. O tamanho amostral pode ser considerado pequeno, mas é importante ressaltar que no período de coleta dos dados o número de indivíduos buscando testagem em laboratório havia reduzido drasticamente, o que pode ser explicado pelo aumento na distribuição de vacinas.

O risco da utilização de medicamentos sem indicação correta e de forma negligente é ainda maior, levando-se em consideração o fato de que menos da metade dos participantes não tinha a prescrição por profissional habilitado e, ainda, notou-se que muitos excediam a dose recomendada pelo fabricante. Neste sentido, é possível trazer à discussão a importância do farmacêutico como essencial na linha de frente contra a Covid-19. No âmbito hospitalar, por mais que não seja uma prática dominante, o farmacêutico deve estar presente na tomada de decisões sobre a farmacoterapia, gestão dos medicamentos, estratégias de dispensação para garantir um tratamento adequado e uso racional de medicamentos. Este profissional deve fazer parte da equipe multidisciplinar para compactuar no controle da pandemia e reduzir os índices de mortalidade. Não menos importante, este profissional deve estar informado para orientar a população sobre as técnicas profiláticas que amenizam os riscos de contaminação da doença.⁶

Ferreira, (2020)⁷ enfatiza que estudos da esfera Recovery desconsideraram absolutamente a hidroxicloroquina e lopinavir-ritonavir como possíveis opções para tratamento, por não demonstrarem melhora clínica em pacientes

hospitalizados com Covid-19. Além disso, Rosenberg et al. (2020)⁸ demonstram em seu estudo que pacientes que receberam associação de hidroxicloroquina e azitromicina (30,7%) e hidroxicloroquina sem associação (19,2%) obtiveram níveis mais elevados de admissão na UTI, comparado ao grupo que não utilizou nenhum medicamento (12,2%). Conseqüentemente, mesmo não apresentando uma diferença significativa, pacientes que receberam tratamento com hidroxicloroquina + azitromicina e hidroxicloroquina isoladamente obtiveram resultado de eletrocardiograma anormais, apresentando arritmia.

Outros estudos embasados na farmacoterapia da Covid-19 como o de Falavigna et al. (2020)⁴ reiteram por meio de revisões sistemáticas a não eficácia de medicamentos na intenção de tratar ou prevenir a doença. Hidroxicloroquina, cloroquina, azitromicina, lopinavir/ritonavir, corticosteroides são embasados em níveis irrelevantes de evidência científica.

Dias et al. (2020)⁹ elucida o perigo de associação de medicamentos, principalmente cloroquina e hidroxicloroquina, pois pode haver complicações cardíacas e salienta a ausência de medicamento eficaz para tratar a doença.

Párraga et al. (2020)¹⁰ salienta a ausência de medicamentos para tratar ou prevenir a Covid-19. Porém, é de fundamental importância atender adequadamente pacientes sintomáticos a fim de tentar aliviar a sintomatologia dessas pessoas. Por mais que existam reposições farmacológicas para tentar amenizar a gravidade da doença não foi descoberto nenhum específico.

Os medicamentos mais citados pelos pacientes nesta pesquisa foi a ivermectina e azitromicina, consumidos na intenção de prevenir ou tratar a Covid-19. Costa (2022)¹¹ demonstra em sua revisão que a azitromicina de forma isolada não apresenta incidência alta de efeito colateral, contudo contra a Covid-19 ela é utilizada em associação com a cloroquina/hidroxicloroquina. Estes medicamentos vêm gerando conflitos na comunidade, pois ao mesmo tempo que vão descobrindo sua toxicidade, há o incentivo do governo para seu consumo. O ponto preocupante desse conflito é o fato desses medicamentos apresentarem alta toxicidade e reações adversas já comprovadas, como distúrbio no sistema gastrointestinal, sistema hematológico, neurológico, neuromuscular e cardiológico.

Costa (2022)¹¹ evidencia ainda que, através de estudos realizados na França, Brasil, Estados Unidos, confirmaram que estes medicamentos, além de possuírem efeitos suficientes para serem incluídos no tratamento da Covid-19, provocam efeitos adversos graves. Por isso a FDA

(*Food and Drug Administration*) não permite mais o uso desse medicamento contra a Covid-19.

Além do risco de efeitos colaterais, recentes evidências alertam sobre o aumento da incidência de espécies bacterianas super-resistentes possivelmente associada ao uso abusivo de antimicrobianos por falsas crenças a respeito de sua ação contra o SARS-CoV-2.

A ivermectina, outro medicamento muito utilizado na intenção de tratar a Covid-19, apresentou alguma eficácia no combate ao SARS-CoV-2 em um estudo *in vitro*. Contudo, a OMS (Organização Mundial de Saúde) retirou o fármaco da lista dos possíveis medicamentos para combater a Covid-19, pois os achados laboratoriais não são satisfatórios o bastante para considerá-lo como ideal para tratar a doença. Ao mesmo tempo que os estudos demonstram a não efetividade do fármaco, também há as comprovações dos efeitos adversos que esse medicamento provoca, como: diarreia, dor abdominal, vertigem, sonolência e tremor.¹¹

Diante disso, a pesquisa apresenta grande relevância para a sociedade local, mas também servirá como norteador para demais estudos correlatos. Mesmo assim, existem limitações que cabem ser comentadas. Um dos pontos é que os entrevistados relataram o uso de medicamento desde o início da pandemia, não somente na fase de coleta de dados. Sendo assim, o relato dos sintomas associados pode gerar confusão.

O teste de antígeno foi o mais buscado entre os participantes da pesquisa, provavelmente por se tratar do teste de menor custo. Apesar disso, também é o teste que possui maior risco de resultados falsos. Ainda assim, os principais dados apresentados não sofrem significativo prejuízo em sua relevância, já que o objetivo era investigar uso de medicações. Além disso, os grupos apresentaram de forma homogênea a testagem positiva para o vírus.

CONCLUSÃO

A investigação por entrevistas realizada neste estudo mostrou que uma parte significativa da amostra havia consumido pelo menos um dos medicamentos mais popularmente associados a tratamento ou prevenção da Covid-19. Além disso, a maioria dos indivíduos que ingeriram algum desses medicamentos, haviam contraído a doença em algum momento da pandemia. Ações coordenadas entre as diferentes esferas do governo tornam-se de grande importância para evitar a disseminação de informações incorretas à população.

Por fim, este estudo poderá servir de incentivo a mais pesquisadores da saúde por investigar consequências e efeitos adversos do uso incorreto dessas medicações.

REFERÊNCIAS

- 1 Netto, RGF; Nascimento-Corrêa, JW. Epidemiologia do surto de doença por coronavírus (covid-19). *Desafios-Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 2020;7(3):18-25.
- 2 Macedo-Júnior, AM. Covid-19: calamidade pública. *Medicus*, 2020;2(1):1-6.
- 3 Oliveira, AC; Lucas, TC; Iquiapaza, RA. O que a pandemia da covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? *Texto & Contexto-Enfermagem*, 2020;29.
- 4 Falavigna, M et al. Diretrizes para o tratamento farmacológico da COVID-19. Consenso da Associação de Medicina Intensiva Brasileira, da Sociedade Brasileira de Infectologia e da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, 2020;32:166-196.
- 5 Folha de São Paulo. Um em cada quatro usou remédio para tratar precocemente ou prevenir Covid-19. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/05/um-em-cada-quatro-usou-remedio-para-tratar-precocemente-ou-prevenir-covid-19-mostra-datafolha.shtml>. Acesso em: 5 jun. 2021.
- 6 Dos Passos, MMB; De Moraes Castoldi, V, Soler, O. O papel do farmacêutico na pandemia de COVID-19: Revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 2021;10(6):e27110615809-e27110615809.
- 7 Ferreira, LLG; Andricopulo, AD. Medicamentos e tratamentos para a Covid-19. *Estudos Avançados*, 2020;34:7-27.
- 8 Rosenberg, ES et al. Associação do tratamento com hidroxiquina ou azitromicina com mortalidade hospitalar em pacientes com COVID-19 no estado de Nova York. *JAMA*, 2020; 323(24):2493-2502.
- 9 Dias, VMCH et al. Orientações sobre diagnóstico, tratamento e isolamento de pacientes com COVID-19. *J Infect Control*, 2020;9(2):56-75.
- 10 Párraga, GC, Pinduisaca, FFC, Laaz, SAL, & Quinto, WPC. Recomendaciones de manejo farmacológico en COVID-19. *RECIMUNDO*, 2020;04(2), 31-39.
- 11 Costa, JEB, Rodrigues-Junior, OM, Almeida, PHF et al. Efeitos adversos no uso indiscriminado de medicamentos na pandemia da COVID-19: um olhar sobre a cloroquina, hidroxiquina e azitromicina. *Research, Society and Development*, 2022; 1(9):e36611931899.